

GUIMARÃES (Polvoreira)

Freguesia do concelho de Guimarães, distrito de Braga, que dista cerca de 6 km a sul da sede do concelho. Sair de Guimarães pela Avenida Dom Afonso Henriques, rua António da Costa Guimarães, rua Comandante João de Paiva Faria Leite Brandão e rua das Emproas para a rua da Saudade e virar à direita para a rua de São Pedro até chegar à igreja de São Pedro.

Esta freguesia situa-se num planalto eminente ao curso de um pequeno ribeiro, afluente do rio Vizela, num lugar de implantação rural. Na área envolvente desta freguesia encontraram-se vestígios de ocupação pré e proto-histórica, como uma anta classificada como monumento nacional, no Monte da Polvoreira, e vários fragmentos de cerâmica romana e da Idade do Ferro. Por esta freguesia passava o itinerário romano que de Braga ia para Mérida.

Trata-se de uma das freguesias iniciais do julgado de Guimarães, existindo já no século XII. Também o Censual de Braga de meados do século XIII se refere à freguesia de São Pedro da Polvoreira.

Igreja de São Pedro

UMA DAS PRIMEIRAS NOTÍCIAS relativas à igreja de São Pedro remonta à segunda metade do século XII, quando era prelado da igreja, D. Geraldo de Polvoreira. Sucedeu-lhe Gonçalo Viegas que a possuiu até ao exílio de D. Sancho II, tendo acompanhado o monarca, em Castela, e só regressado após a morte do rei, em 1248.

Posteriormente, a igreja veio a ser doada ao mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, largamente dotado pelos seus fundadores, D. Afonso Sanches, bastardo de D. Dinis, e sua mulher D. Teresa Martins. Ao mosteiro cabia a apresentação do abade até à extinção dos padroados no século XIX.



*Perspetiva geral da igreja.
Alçados este e sul*



*Perspetiva geral
da igreja. Alçados
norte e oeste*

Alçado sul. Portal



Segundo informação registada nas Inquirições de 1220, na paróquia de São Pedro de Polvoreira, o rei tinha três casais, dos quais recebia a terça do pão e metade do vinho e a igreja detinha aí várias searas e 13 casais. É também declarado que o rei não é o patrono da igreja. Nas inquirições de 1258, as testemunhas inquiridas afirmam que os abades da igreja sempre foram nomeados pelos herdeiros e governadores da dita igreja de São Pedro e que, depois da morte de D. Geraldo, que fora prelado da igreja, veio D. Egas Martins, que a deu ao vigário Gonçalo Viegas. Em 1258, havia na freguesia 49 casais, o que era um número avultado para a época, e que a igreja tinha dez.

Pelo Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do Reino, elaborado em 1320, é determinado que a igreja de São Pedro concorra com 200 libras de contribuição para a Cruzada. Em 1455, por um alvará de D. Afonso V, é ordenada uma extensa inquirição sobre as propriedades rústicas da Colegiada de Guimarães, feita por um ouvidor das terras do Duque de Bragança, e a pedido do prior e cabido de Nossa Senhora da Oliveira, contra os oficiais do fisco que não respeitavam os antigos privilégios dos caseiros da instituição. Segundo esta inquirição na freguesia da Polvoreira, a referida Colegiada tinha nove bens, entre casais, quintas e lugares.

O *Livro das confirmações e comissões do arcebispo D. Fernando da Guerra*, é uma importante fonte que colige os registos da cúria bracarense no período entre novembro de 1423 e fevereiro de 1468. Segundo este *Livro*, o convento das clarissas de Vila do Conde era padroeira, entre outras igrejas, da de São Pedro de Polvoreira.

Carvalho da Costa, nos inícios do século XVIII, afirmava que a freguesia de São Pedro de Polvoreira, no termo de Guimarães, era abadia da Mitra. Em 1726, Francisco Craesbeeck, nas suas *Memórias*, apenas reitera a mesma informação. A *Estatística Paroquial* de 1862 assenta que era da apresentação do mosteiro de Vila do Conde.

Composta por nave única e capela-mor retangular, edificada em aparelho pseudo-isódomo e com cobertura de duas águas, a igreja de São Pedro da Polvoreira é um excelente exemplo de como o modo românico de edificar persistiu no tempo longo. Assim, estamos diante de uma fábrica muito tardia, talvez já de finais do século XIII, se não já do século XIV, que a configuração dos portais e a forma dos cachorros ajudam a datar. Além do mais, a presença de capelas colaterais a norte e de sacristia a sul, permitem identificar transformações realizadas já durante a época moderna, confirmadas pela linguagem do mobiliário litúrgico da igreja. Disso é exemplo a cabeceira pois, se considerarmos a sua dimensão, muito profunda, e a sua fábrica, sem cachorros ou frestas, e comunicando com a nave no interior através de amplo arco triunfal com impostas classicizantes, confirmamos a ausência de testemunhos materiais da época românica.

É, pois, ao nível exterior da nave principal que estes se identificam, apesar do seu caráter muito tardio. Nos alçados laterais persiste uma cornija assente sobre cachorros, de secção quadrangular. Destacam-se, no entanto, dois, no alçado sul, que mostram motivos geométricos relevados. Deste lado da igreja, o portal inscreve-se na espessura do muro e é apenas definido pela presença de um arco envolvente, liso, assente diretamente sobre os pés direitos do paramento, dispensando a presença de impostas. O tímpano é liso e composto por dois lintéis. Neste lado da igreja persistem ainda estreitas frestas de sabor românico, bem como mísulas que confirmam ter existido aqui um alpendre.

A fachada oeste foi alterada, tendo sofrido um evidente acréscimo, que a prolongou para sul, devido à construção do campanário, cuja terminação é claramente classicizante e concebida para acolher dois sinos e que se adossa ao campanário existente sobre o centro da empena da igreja, seguramente no lugar onde terá existido um anterior, de feição românica. O portal principal da igreja acusa a origem medievo da fábrica primitiva de Polvoreira. Mais elaborado que o do lado sul, compõe-se de duas



Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental

arquivoltas em arco quebrado. As arestas são vivas e bem esquadriadas. O facto de não ter tímpano, nem qualquer moldura a ornamentar, confirma a sua cronologia tardia ou, então, a persistência das formas de sabor românico para lá do seu próprio tempo. O portal é encimado por vão quadrangular e gradeado que, seguramente, substituiu uma primitiva fresta.

No interior da igreja, as frestas são o único testemunho da época românica.

Atualmente é pertença da Igreja Católica e está afeta ao culto, sendo igreja paroquial da freguesia.

Texto: MLB/JL - Fotos: TC

Bibliografia

BOISSELLIER, S., 2012, p. 151; COSTA, A., 1929-49, VII, p. 222; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 108; COSTA, A.J., 1997-2000, II, pp. 249-250; CRAESBEECK, F.X.S., 1992, I, p. 233; GEPIB, 1935-60, XXI, pp. 323-324; MARQUES, J., 1988, pp. 231, 518 e 894; PMH, INQ., pp. 1, 75, 169 e 211 (de 1220); PORTAL DO ARQUEÓLOGO; SIPA.

